



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne Cavalcante (UFPB)
- Alessandra Del Ré (UNESP)
- Christelle Dodane (U PARIS 3)

AVALIADO POR

- Marian Oliveira (Unicamp)
- Giovane F. Oliveira (UFRGS)
- Laís Cavalcanti Almeida (UFPB)

SOBRE OS AUTORES

- Mirian Verza Amarante
Pesquisadora principal, elaboração da pesquisa, levantamento da literatura e análise dos dados, redação do artigo, submissão e trâmites do artigo.
- Lourenço Chacon
Orientador, coordenação da pesquisa, análise dos dados, correção da redação do artigo, aprovação da versão final.
- Maria José R. Freitas
Supervisora de estágio de pesquisa, levantamento da literatura, análise dos dados, aprovação da versão final.
- Geovana Soncin
Pesquisadora, análise dos resultados.

DATAS

- Recebido: 30/10/2023
- Aceito: 08/02/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Amarante, M. V.; Chacon, L.; Freitas, M. J. R. de; Soncin, G. (2024). Comparação entre características fonológicas da sílaba em transposições ortográficas na escrita infantil e em metáteses na fala infantil. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 694-717, 2024.

ESTUDO PILOTO

Comparação entre características fonológicas da sílaba em transposições ortográficas na escrita infantil e em metáteses na fala infantil

Mirian Verza AMARANTE

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Lourenço CHACON

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Maria João dos Reis de FREITAS

Universidade de Lisboa (CLUL)

Geovana SONCIN

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

RESUMO

Relações entre características fonológicas da fala e características ortográficas da escrita têm se tornado objeto constante de investigação, principalmente entre estudiosos que buscam entender o aparecimento dos chamados erros ortográficos. Assumindo que características da fala e características da escrita, embora relacionadas, não supõem relação de espelhamento, o presente estudo teve como objetivo observar em que medida transposições ortográficas acompanhariam – ou não – metáteses na fala infantil. Tais fenômenos correspondem a deslocamentos de grafemas e de segmentos de sua posição convencional na palavra para outra posição no interior da palavra. Para tanto, analisamos 44 produções textuais e 52 amostras de fala de crianças e verificamos o aparecimento dos

deslocamentos conforme ocorressem sob forma de intersilábicos simples, intersilábicos duplos, intrassilábicos simples e intrassilábicos duplos (Amarante; Chacon, 2022). Posteriormente, comparamos características fonológicas do ponto de onde partiam e de onde chegavam os deslocamentos, a fim de observar se eles resultariam em manutenção, aumento ou redução da complexidade silábica. Na ortografia, as transposições intrassilábicas (75,4%) prevaleceram sobre as intersilábicas (24,6%). Diferentemente, na fala, as metáteses intersilábicas (57,2%) prevaleceram sobre as intrassilábicas (42,8%). Em relação à complexidade silábica, na ortografia, os deslocamentos resultaram em aumento (45,2%), seguido da redução (29,2%) e da manutenção (25,6%) da complexidade. Na fala, as metáteses resultaram em manutenção (45,2%), seguida do aumento (31,4%) e da redução (22,7%). Os resultados sugerem que, embora ocorram relações entre aquisição fonológica e aquisição ortográfica, essas relações não se mostraram como diretas.

ABSTRACT

Relationships between the phonological characteristics of speech and the orthographic characteristics have become a constant object of investigation, especially among scholars who seek to understand the appearance of the so-called spelling mistakes. Assuming that characteristics of speech and characteristics of writing, despite being related, do not suppose a mirroring relationship, the main goal of this study is to observe to what extent orthographic transpositions would - or would not - accompany metatheses in children's speech. Those phenomena correspond to displacements of graphemes and segments from their conventional position in the word to another position within the word. To that purpose, we analyzed 44 written productions and 52 speech samples from children and verified the appearance of displacements as they occurred in simple inter-syllabic, double inter-syllabic, simple intra-syllabic, and double intra-syllabic forms (Amarante; Chacon, 2022). Subsequently, we compared the phonological characteristics of the points from which the shifts start and to which they arrive in order to see whether they resulted in maintenance, increase or decrease of the syllabic complexity. In spelling, intra-syllabic transpositions (75.4%) prevailed over the inter-syllabic ones (24.6%). In contrast, in speech, inter-syllabic metatheses (57.2%) prevailed over intra-syllabic ones (42.8%). In relation to syllabic complexity, in spelling, the shifts increased (45.2%), followed by a decrease (29.2%) and maintenance (25.6%) of complexity. In speech, metatheses resulted in maintenance

(45.2%), followed by an increase (31.4%) and a decrease (22.7%). The results suggest that, although there are relationships between phonological acquisition and orthographic acquisition, those relationships are not direct.

PALAVRAS-CHAVE

Transposição ortográfica. Metátese. Sílabas. Escrita infantil. Fala infantil.

KEYWORDS

Orthographic Transpositions. Metathesis. Syllable. Children's Writing. Children's Speech.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Muitos estudiosos tentam entender o aparecimento de erros ortográficos nos textos infantis. Uma equivocada explicação para esse aparecimento é a de que as crianças reproduziriam, em sua ortografia, os sons da (sua) fala. Diferentemente, entendemos que, embora ortografia e fala repartam características fonológicas em comum, suas relações não são diretas. Para confirmar esse entendimento, comparamos um fenômeno que aparece tanto na escrita (transposição ortográfica), quanto na fala (metátese). Esse fenômeno ocorre quando há o registro de um segmento numa posição não esperada convencionalmente na ortografia e na fala. Por exemplo, quando a palavra PROFESSORA é escrita ou falada como PORFESSORA. Para tanto, analisamos tanto textos escritos quanto amostras de fala de crianças e descrevemos a presença desse fenômeno a partir de uma classificação que permitisse entender como esses registros funcionam. Após as análises, pudemos notar que a distribuição dos deslocamentos ocorreu diferentemente entre a escrita e a fala. Notamos, também, que, na fala o tipo de deslocamento apresentou maior complexidade do que na escrita. Por fim, encontramos, sim, algumas semelhanças na distribuição do fenômeno, o que reforça nosso entendimento de que existem relações entre características ortográficas da escrita e características fonológicas da fala, mas sem que tais relações sejam diretas.

Introdução

Sob diferentes perspectivas, as relações entre características fonológicas da fala e características ortográficas da escrita têm se tornado objeto constante de investigação, principalmente entre

estudiosos de áreas como Educação, Psicologia, Linguística e Fonoaudiologia. A complexidade e o interesse em compreender essa relação se mostra, por exemplo, em estudos que investigam as convenções ortográficas e/ou que propõem descrever o desempenho ortográfico na escrita infantil, buscando possíveis explicações para o aparecimento de registros que fogem às convenções ortográficas. Frequentemente, essas explicações destacam uma possível ancoragem em características da fala nos registros ortográficos não convencionais, o que leva, então, os estudiosos da escrita infantil a tematizarem as relações entre fala e escrita. Como veremos a seguir, encontramos na literatura, tentativas – nem sempre convergentes – de entender essa relação.

Detectamos, por um lado, a tendência a se estabelecerem relações diretas entre fala e escrita. Uma característica dessa tendência é a de supor como necessárias as chamadas tarefas de consciência fonológica para a aprendizagem da escrita. Nessa visão, a aquisição e, mesmo, o desenvolvimento da escrita se dariam, pois, sob a base dessa consciência. Batista e Capellini (2017), Gonçalves-Guedim et al (2017), Schafer et al (2017) e Wilsenach (2019) exemplificam essa tendência. Também defensores do método fônico de alfabetização, como Treiman (2018), argumentam na mesma direção: a seu ver, tal método proporcionaria ganhos para crianças dos anos iniciais, bem como para crianças mais velhas que apresentem dificuldades ortográficas.

Mas detectamos, por outro lado, tendência diferente na literatura. Para essa outra tendência, ainda que evidentemente relacionados, aspectos da fala e aspectos da ortografia não apresentam relações diretas. Pachalski e Miranda (2019) e Miranda (2020), por exemplo, alegam que a fala seria uma “[...] substância primária e preferencial para a realização da língua.” (Pachalski, Miranda, 2019) que auxiliaria a criança a desenvolver o sistema gramatical de forma rápida. Ainda para essas autoras, com o envolvimento no ambiente escolar, a criança passa a se apropriar do sistema alfabético de escrita e o – então – conhecimento da língua adquirido pela fala de forma inconsciente passaria a se tornar mais consciente. Em síntese, para as autoras, as diferentes condições em que se desenvolvem esse processo levariam a um não espelhamento entre fala e escrita.

Reforçando a visão de uma relação não direta entre fala e escrita, para Pezarini (2017), Vaz e Chacon (2020), Amarante et al (2020), Amarante, Soncin e Chacon (2022), Chacon e Silva (2022), Paschoal e Chacon (2023) e Vaz e Chacon (2023), embora características da fala possam ser identificadas na escrita, fala e escrita correspondem a distintos modos de enunciação da língua. Isso porque, nessa visão, a correspondências entre fonemas e grafemas que se mostra na escrita inicial de crianças não depende diretamente de como elas se estabelecem, já que essas correspondências podem ser afetadas tanto por aspectos fonológicos da língua (como a estrutura da sílaba, as classes fonológicas ou o acento), quanto por aspectos de práticas pedagógicas (como o método de alfabetização). Em síntese, a escrita inicial de crianças seria efeito tanto do funcionamento da língua quanto de práticas de letramento.

Concordando, assim, com o princípio de que características da fala e características da escrita, embora relacionadas, não supõem uma relação de espelhamento, o presente estudo teve como objetivo observar em que medida transposições ortográficas acompanhariam – ou não – metáteses na fala infantil. O que, neste estudo, categorizamos como transposições correspondem, empiricamente,

a deslocamentos de grafemas de sua posição convencional na ortografia da palavra para outra posição no interior da palavra. Daí a correspondência entre tais deslocamentos ortográficos e aquilo que, na teoria fonológica, é entendido (na fala infantil) como metátese. Fazemos essa distinção, diferentemente do que fazem Pachalski e Miranda (2018), porque entendemos que a metátese seria um processo da língua mais amplamente estudado como um fenômeno da fala, do qual a transposição seria um efeito na ortografia.

Pachalski e Miranda (2018) buscaram entender a relação entre o fenômeno dos deslocamentos nos dois diferentes modos de enunciação da língua. Como resultados, detectaram assimetrias entre o processo de metátese na escrita (termo utilizado pelas autoras) e o processo de metátese na fala, apontando para diferenças entre o que as autoras chamam de as duas modalidades da língua.

No presente estudo, procuramos ampliar o trabalho de Pachalski e Miranda (2018). Nessa ampliação, tivemos preocupação especial (ou explicativa) com particularidades da sílaba não investigadas pelas autoras que permitiriam, a nosso ver, entender melhor a complexidade das relações entre metátese na fala e transposições ortográficas. Essa questão nos chama particularmente a atenção pelo fato de que os deslocamentos nesses dois modos de enunciação da língua (fala e escrita), mesmo sob distintas matérias significantes (acústico-auditiva, na fala; gráfico-visual, na escrita), se sustentam em um mesmo plano da língua: o fonológico.

Para tanto, buscamos relacionar dados de metáteses na fala infantil extraídos da literatura que se voltou (dentre outras) a essa questão (LAMPRECHT, 1990, 2001; ZITZKE, 2001; MAGALHÃES, 2003; FREITAS, 2005; REDMER, 2007; HORA, TELLES e MORETTO, 2007; BLEVIS e GARRET, 2004; LIMA, 2013; AMARIZ, 2014) com dados de transposições ortográficas que coletamos e organizamos¹, a fim de observar em que medida as transposições ortográficas acompanhariam – ou não – as metáteses na fala, possibilitando entender melhor o funcionamento ortográfico, naquilo que ele mostra de sua relação com características fonológicas da fala².

1. Objetivos

A presente pesquisa foi norteadada pelos seguintes objetivos:

- (1) comparar a distribuição das transposições ortográficas na escrita e das metáteses na fala; e
- (2) comparar características estruturais da sílaba envolvidas no ponto de saída e no ponto de chegada dos deslocamentos nesses dois modos de enunciação.

¹ Os procedimentos da coleta e de organização desses dados serão expostos mais à frente, na seção 3. Metodologia.

² Uma importante observação deve ser feita: os dados de literatura sobre metáteses na fala infantil aos quais tivemos acesso pela literatura não foram coletados com a finalidade de serem comparados com dados de ortografia. Mesmo porque as metáteses, costumeiramente, ocorrem na fala mais inicial da criança e já se mostram resolvidas (na sua fala) antes de a criança iniciar seu processo institucional de alfabetização.

2. Metodologia

Em relação aos dados de ortografia, os registros foram extraídos de produções textuais infantis que compõem um banco que subsidia investigações do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem (o GPEL/CNPq). As produções textuais foram coletadas em uma escola estadual de Ensino Fundamental da cidade de Marília (SP) por pesquisadores do GPEL. O banco contempla a escrita de crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I. Tais produções foram baseadas em quatro propostas de escrita de narrativas após sua contagem oral pela professora de cada turma das crianças. Foram excluídas da amostra produções de crianças que não receberam autorização dos pais ou dos responsáveis para participarem da pesquisa. Essa autorização se deu mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e a constituição do banco foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia e Ciência da UNESP, campus de Marília, sob o número CAAE 30900820.2.0000.5406.

Para a seleção dos dados específicos a serem trabalhados, primeiramente fizemos a leitura atenta e a transcrição de todo o *corpus*. Após essa leitura e transcrição, descartamos os textos que não apresentaram transposições ortográficas. Com esse procedimento, identificamos, então, os textos em que elas figuraram e constituímos o material final de análise – composto de 63 textos produzidos por 44 crianças.

Já em relação aos dados de fala, foram extraídos estudos da literatura que investigaram as metáteses na aquisição fonológica. Realizamos nossa busca em diferentes plataformas: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Institute of Education Sciences* (ERIC); *Science Direct*; Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; Repositório Institucional da UNESP; Repositório Institucional da USP; e Repositório Institucional da FAPESP. Para seleção do material de análise, foram privilegiados dados de aquisição de crianças falantes do Português Brasileiro.

Destaque-se que bem poucos estudos analisaram, especificamente, as metáteses na fala infantil no Português Brasileiro: Zitzke (2001), Redmer (2007), Amariz (2014) e Dias (2021). Além de poucos estudos, foram, ainda, reduzidos os dados que seus autores investigaram. Desse modo, a fim de evitar um viés na comparação entre dados de fala e dados de ortografia, selecionamos apenas os dados de Amariz (2014). Como destacamos, embora os outros estudos também tenham se voltado para as metáteses na fala infantil, apenas o de Amariz (2014) contou com uma amostra de tamanho significativo para a comparação que pretendemos – em termos numéricos, bastante próxima de nossa amostra de escrita.

O *corpus* de fala utilizado compõe o Banco de Dados AQUIFONO, coordenado pelas professoras doutoras Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, à época vinculada à Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e Regina Ritter Lamprecht, à época vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Para seleção dos dados, voltamo-nos para amostras de 52 crianças, com faixa etária entre dois e sete anos.

Explicado como se constituíram nossos *corpora* de escrita e de fala, passemos, então, a descrição de como foram feitas as análises dos dados.

Para responder ao primeiro objetivo (*comparar a distribuição das transposições ortográficas na escrita e das metáteses na fala*), observamos a distribuição conforme ocorresse sob forma de deslocamentos: intersilábicos simples (quando havia o deslocamento de apenas um grafema/fonema de uma sílaba para outra sílaba na mesma palavra, como, por exemplo, o deslocamento do segmento 'r' da palavra CADARÇO registrada como *CARDAÇO); intersilábicos duplos (quando havia o deslocamento de mais de um grafema/fonema de uma sílaba para outra sílaba na mesma palavra, como, por exemplo, o deslocamento dos segmentos 'r' e 'l' da palavra AMARELO registrada como *AMALERO); intrassilábicos simples (quando havia o deslocamento de apenas um grafema/fonema de uma posição para outra no interior da mesma sílaba na palavra, como, por exemplo, o deslocamento do segmento 'r' na palavra PROFESSOR registrada como *PORFESSOR); e intrassilábicos duplos (quando havia o deslocamento de mais de um grafema/fonema de uma posição para outra no interior da mesma sílaba na palavra, como, por exemplo, o deslocamento dos segmentos 'a' e 'o' na palavra ENTÃO registrada como 'ENTOA').

Já para responder ao segundo objetivo (*comparar características estruturais da sílaba envolvidas no ponto de saída e no ponto de chegada dos deslocamentos nesses dois modos de enunciação*), observamos características fonológicas do ponto de onde partiam e do ponto onde chegavam os segmentos, a fim de observar se eles resultariam na: (1) manutenção a complexidade silábica (quando a posição de chegada preservava as mesmas características fonético/fonológicas da posição original); (2) aumento da complexidade (quando o grafema deslocado provocava, na sílaba de chegada, uma maior distância em relação à estrutura silábica da sílaba de partida, tornando, portanto, a sílaba de chegada mais fraca foneticamente e mais marcada fonologicamente do que a sílaba de partida); ou (3) redução da complexidade silábica (quando a estrutura da sílaba de chegada se tornava mais forte foneticamente e menos marcada fonologicamente comparada à estrutura da sílaba de saída). Com relação a esse objetivo, tivemos como hipótese a de que, em termos fonológicos, maior número de transposições e de metáteses partiriam de estruturas fonologicamente marcadas, como a coda (ramificação da rima) e o ataque ramificado, por serem as estruturas menos esperadas pela língua. Mas também tivemos como hipótese a de que a distribuição dos segmentos mostraria comportamentos distintos entre os dois modos de enunciação da língua, devido aos diferentes tipos de práticas (de letramento e de oralidade) em que se desenvolvem socialmente a fala e a escrita.

Foram realizadas análises estatísticas, descritiva e inferencial. Na análise estatística descritiva, consideramos a frequência absoluta e relativa das ocorrências das transposições ortográficas e das metáteses em função da tipologia e do aumento/manutenção/redução da complexidade silábica para descrever a distribuição dos dados. Na análise estatística inferencial, aplicamos uma ANOVA Mista (Mixed ANOVA), na qual consideramos tipologia e complexidade silábica como variáveis intragrupo e a natureza da amostra (ortografia ou fala) como variável intergrupo. O *software* IBM SPSS Statistics foi utilizado para a realização do teste. Foram adotados para análise nível de significância $\alpha = 5\%$ e intervalo de confiança IC = 95% (p-value < 0,05).

3. Resultados

a. Análise descritiva

O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos dados de transposições ortográficas e de metáteses na fala nas quatro categorias adotadas para a análise, a saber, deslocamentos (i) intersilábicos simples, (ii) intersilábicos duplos, (iii) intrassilábicos simples e (iv) intersilábicos duplos:

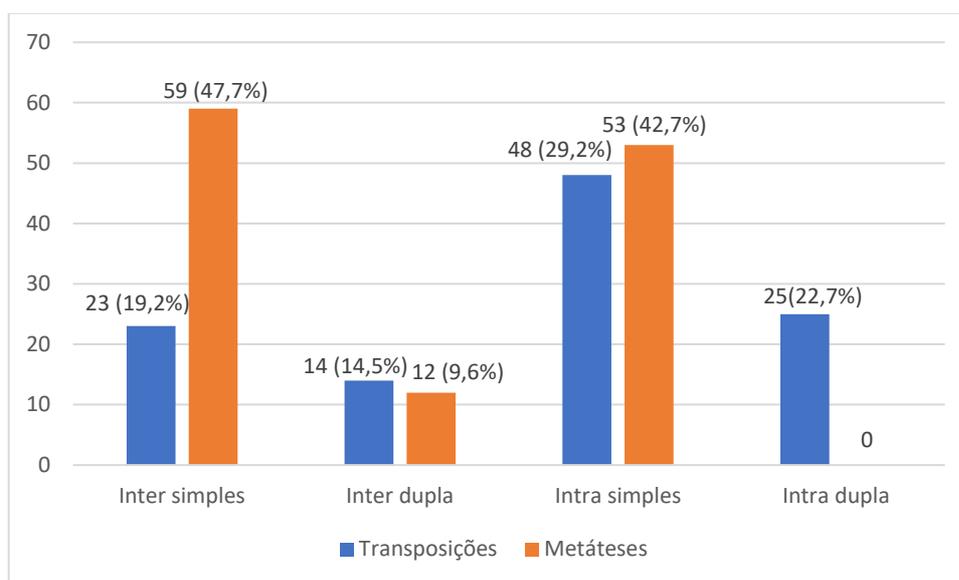


Gráfico 1 - distribuição das transposições ortográficas e das metáteses na fala.

Fonte: dados da pesquisa

Quanto às transposições ortográficas, as informações expressas no Gráfico 1 mostram que, no conjunto das amostras, elas envolveram, majoritariamente, uma mesma sílaba: as intrassilábicas foram mais frequentes (73 ocorrências, equivalentes à soma das ocorrências intrassilábicas simples e duplas) do que as interssilábicas (37 ocorrências, equivalentes à soma das ocorrências de intersilábicas simples e duplas). As informações do mesmo Gráfico 1 mostram, ainda, que as transposições mobilizaram, em sua maioria, apenas um grafema: em seu total de 110 ocorrências, 71 ocorreram sob a forma simples (23 intersilábicas e 48 intrassilábicas), enquanto 39 ocorreram sob a forma dupla (14 intersilábicas e 25 intrassilábicas).

Quanto às metáteses na fala, diferentemente do que ocorre com as transposições, as informações do Gráfico 1 mostram que, majoritariamente, envolveram sílabas diferentes: foram mais frequentes as intersilábicas (71 ocorrências, equivalentes à soma das ocorrências intersilábicas simples e duplas) do que as intrassilábicas (53 ocorrências, equivalentes à soma das ocorrências de intrassilábicas simples e duplas). No entanto, como nas transposições, as metáteses mobilizaram – em sua maioria – apenas

um fonema: do total de 124 ocorrências de metátases, 112 foram simples (59 intersilábicas e 53 intrasilábicas) e apenas 12 foram duplas, todas intersilábicas.

Seguem-se, primeiramente, exemplos dos quatro tipos de transposições registradas no *corpus* de escrita analisado:

- (1) AÇURCA
- (2) SISA
- (3) VONADO
- (4) INTÕA

Como se pode observar: em (1), ocorreu uma transposição intersilábica simples na palavra “açúcar”, já que o grafema “r” se deslocou de sua posição de coda final da sílaba final da palavra indo para a posição de coda medial de sua sílaba anterior; em (2) ocorreu uma transposição intersilábica dupla, já que houve o deslocamento de dois grafemas (“i” e “a”) entre as duas diferentes sílabas da palavra “saci”, escrita de forma não convencional como *sisa; em (3) ocorreu uma transposição intrassilábica simples na palavra “voando”, já que o grafema “n” se deslocou da sua posição original, de coda medial, indo para a posição de ataque, mas continuando na mesma sílaba da palavra; e, em (4), ocorreu uma transposição intrassilábica dupla já os grafemas “a” e “o” trocaram de posição na sílaba “tão” da palavra “então”.

Seguem-se, agora, exemplos dos três tipos de metátases registrados no *corpus* de fala analisado³:

- (5) [ˈkrɔba]
- (6) [tor ˈneka]
- (7) [ˈpɾɛna]

Como se pode observar: em (5) ocorreu uma metátese intersilábica simples na palavra “cobra”, já que o fonema /r/ se deslocou da segunda posição de ataque complexo de sua sílaba final para a segunda posição de ataque de sua sílaba inicial; em (6) ocorreu uma metátese intersilábica dupla, já que os fonemas /k/ e /t/ permutam suas posições na palavra “corneta”; e em (7) ocorreu uma metátese intrassilábica simples na palavra “perna”, já que o fonema /r/ se deslocou da posição de coda para a segunda posição de ataque complexo da mesma sílaba.

Conforme vimos há pouco, os dados de transposições ortográficas e metátases na fala foram descritos, ainda, em função da manutenção, do aumento e da redução da complexidade silábica, resultantes dos deslocamentos de grafemas, no caso das transposições, e de fonemas, no caso das metátases. O Gráfico 2 ilustra os resultados obtidos nessa descrição:

³ Relembre-se de que não foram encontrados, na fala, registros de metátases intrassilábicas duplas.

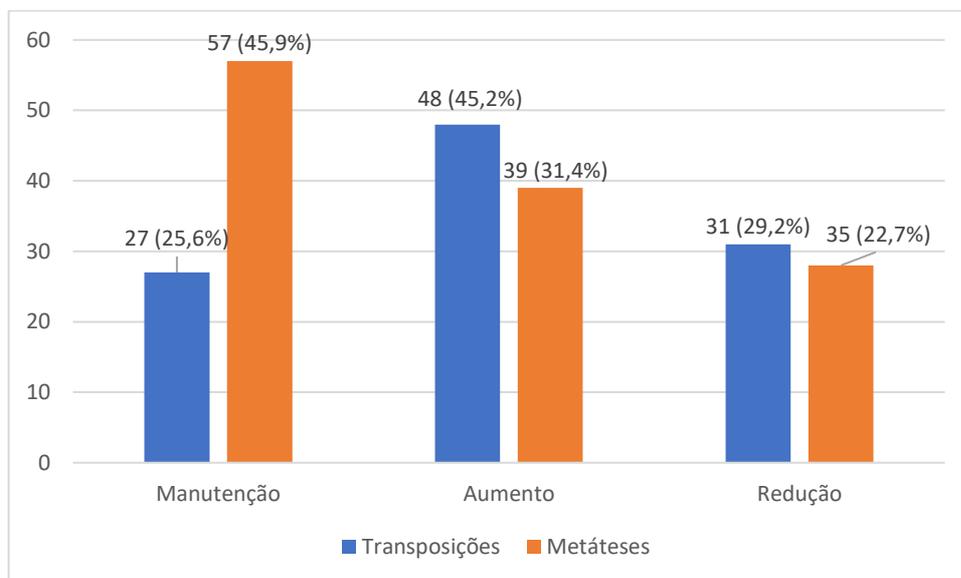


Gráfico 2 - Deslocamentos e seus efeitos na reorganização silábica.

Fonte: dados da pesquisa.

As informações que constam do Gráfico 2 permitem observar maior proximidade no aumento e na redução da complexidade silábica, tanto na ortografia quanto na fala. Mas os percentuais se distanciaram quanto à manutenção da estrutura, já que os deslocamentos de fonemas na fala predominaram sobre os deslocamentos de grafemas na ortografia.

Seguem, abaixo, exemplos de registros de transposições ortográficas que mantiveram, aumentaram e diminuíram o grau de complexidade silábica⁴:

- (8) DESPEDIRÇA
- (9) TABARLHO
- (10) BOLO
- (11) TRICEIRO
- (12) TARBALHO
- (13) INTÕA
- (14) VONANO

Como se pode observar: em (8) tivemos uma transposição intersilábica simples em que o grafema “r” da palavra “desperdiçar” se deslocou de sua posição original de coda silábica da segunda sílaba da palavra para a coda silábica de sua sílaba seguinte, mantendo, assim, o grau de complexidade da sílaba; em (9) tivemos uma transposição intersilábica simples em que o grafema “r” se deslocou da sua posição

⁴ Não encontramos, em nossos dados, os seguintes registros de transposições: (i) intersilábicas simples que aumentavam o grau de complexidade silábica; (ii) intersilábicas duplas que aumentavam o grau de complexidade; (iii) intersilábicas duplas que diminuíam o grau de complexidade; (iv) intrassilábicas simples que mantinham o grau de complexidade; e (v) intrassilábicas duplas que mantinham o grau de complexidade.

original de ataque ramificado da sílaba ‘tra’ para a posição de coda da sílaba ‘ba’ da palavra ‘trabalho’, reduzindo, assim, a complexidade silábica; já em (10), tivemos uma transposição intersilábica dupla em que os grafemas “l” e “b” da palavra “lobo” se intercambiaram na posição de ataque simples das duas sílabas, mantendo, assim, sua complexidade estrutural; em (11) tivemos uma transposição intrassilábica simples em que o grafema “r” da palavra “terceiro” se deslocou da sua posição original de coda para a segunda posição de ataque complexo dessa primeira sílaba, o que aumentou o grau de complexidade silábica; em (12), tivemos uma transposição intrassilábica simples em que o grafema “r” da palavra “trabalho” se deslocou da segunda posição de ataque complexo da primeira sílaba para a posição de coda da mesma sílaba, diminuindo, assim, o grau de complexidade da sílaba; em (13) tivemos uma transposição intrassilábica dupla na palavra “então”, com o intercâmbio entre as duas vogais que compõem o ditongo original da sílaba final da palavra, houve um aumento do grau de complexidade silábica – já que o ditongo se transformou em um hiato ampliando, assim, o número de sílabas da palavra resultante da transposição; por fim, em (14), tivemos uma transposição intrassilábica dupla em que o grafema “n” da palavra “voando” se deslocou da posição de coda para a posição de ataque dessa sílaba, resultando numa diminuição de sua complexidade.

Seguem-se, agora, exemplos de registros de metáteses que mantiveram, aumentaram e diminuíram o grau de complexidade silábica⁵:

- (15) [‘trigi]
- (16) [‘letye]
- (17) [‘virdu]
- (18) [is’tlera]
- (19) [‘grafu]
- (20) [‘kɔbar]

Como podemos observar:

Em (15) tivemos uma metátese intersilábica simples em que o fonema /r/ da palavra “tigre” se deslocou da segunda posição de ataque complexo da sílaba ‘gre’ para, também, a segunda posição de ataque complexo da sílaba anterior, mantendo o grau de complexidade; em (16) tivemos uma metátese intersilábica simples da palavra “leite” em que a semivogal /y/ se deslocou da posição de coda para a segunda posição de ataque complexo aumentando o grau de complexidade da sílaba; em (17) temos uma metátese intersilábica simples em que o fonema /r/ da palavra “vidro” se deslocou da segunda posição de ataque complexo da sílaba ‘dro’ para a posição de coda da sílaba anterior, diminuindo o grau de complexidade; em (18) tivemos uma metátese intersilábica dupla em que houve o deslocamento dos fonemas /l/ e /r/ na palavra “estrela”, que permutaram entre si mantendo o grau de complexidade das estruturas envolvidas; já em (19) tivemos uma metátese intrassilábica simples em que o fonema /r/

⁵ Não encontramos, nos dados analisados, os seguintes registros de metáteses: (i) intersilábicas duplas que aumentaram o grau de complexidade silábica; (ii) intersilábicas duplas que diminuíram o grau de complexidade silábica; (iii) intrassilábicas simples que mantiveram o grau de complexidade; (iv) intrassilábicas duplas que mantiveram o grau de complexidade; (v) intrassilábicas duplas que aumentaram o grau de complexidade; e (vi) intrassilábicas duplas que diminuíram o grau de complexidade.

da palavra “garfo” se deslocou da posição de coda da sílaba ‘gar’ para a segunda posição de ataque complexo da mesma sílaba, aumentando o grau de complexidade; e, contrariamente, em (20) tivemos uma metátese intrassilábica simples em que o fonema /r/ da palavra “cobra” se deslocou da segunda posição de ataque complexo da sílaba ‘bra’ para a posição de coda da mesma sílaba, diminuindo o grau de complexidade silábica.

Encerrada a análise descritiva dos dados de acordo com os objetivos da investigação e em função das categorias de análise propostas, passaremos a sua análise inferencial, de modo a ver em que medida os resultados seriam estatisticamente significativas.

b. Análise inferencial

Os dados de transposições ortográficas e de metáteses na fala foram submetidos ao teste estatístico ANOVA Mista (Mixed ANOVA), que considerou *tipologia* e *complexidade silábica* como variáveis intragrupo e *natureza da amostra* (ortografia ou fala) como variável intergrupo⁶.

Em relação à análise isolada das variáveis, o teste não indicou diferença estatisticamente significativa para as variáveis ‘grupo’ ($F = ,243$ e $p = ,623$); e ‘complexidade’ ($F = 1,548$ e $p = ,215$). Diferentemente, para a variável ‘tipologia’ ($F = 21,759$ e $p = ,000$), o teste indicou diferença estatisticamente significativa. Os gráficos 3, 4 e 5 demonstram esses resultados:

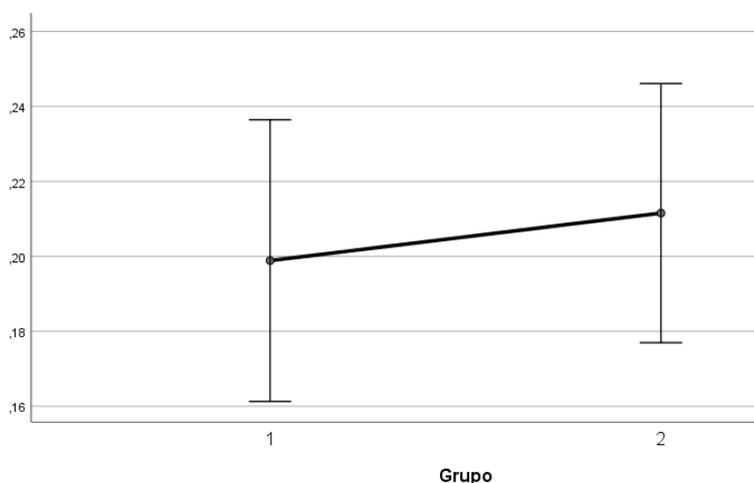


Gráfico 3 - Distribuição dos deslocamentos em função dos grupos.

Fonte: dados da pesquisa. Legenda: 1 = ortografia; 2 = fala.

⁶ Como parte do resultado da ANOVA de Medidas Repetidas, o Teste de Mauchly indicou que a assunção de esfericidade foi violada para a variável ‘tipologia’; portanto, para essa variável, reporta-se o teste corrigido de Greenhouse-Geisser.

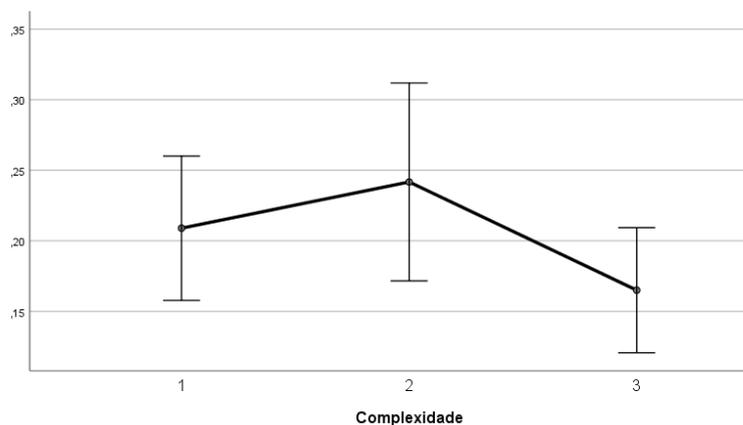


Gráfico 4 - Reorganização da estrutura silábica após os deslocamentos.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: 1 = manutenção; 2 = aumento; e 3 = redução

O Gráfico 3 apresenta o resultado obtido na ANOVA para a variável “Grupo”. Não houve diferença estatisticamente significativa entre a frequência do grupo de dados de transposições ortográficas e de metátases na fala. Em outras palavras, o modo de enunciação da língua não se mostrou significativo, já que a frequência dos deslocamentos foi semelhante, em termos estatísticos, tanto na ortografia quanto na fala. Resultado similar foi indicado pela ANOVA para a variável “Complexidade”, conforme o Gráfico 4, uma vez que, quando apenas a reorganização da estrutura silábica nos deslocamentos foi considerada como critério de análise, não se observou diferença estatisticamente significativa em sua distribuição nos dados.

Por sua vez, quando considerada, isoladamente, como critério de análise, a variável “Tipologia” mostrou efeito sobre a distribuição dos dados, uma vez que a ANOVA indicou diferença estatisticamente significativa para os deslocamentos em função dos tipos identificados. O teste *posthoc* Bonferroni foi realizado para indicar entre quais tipos de deslocamentos residiria a diferença apontada pela ANOVA. Como resultado, obteve-se que os deslocamentos: “intrassilábicos simples” se diferenciaram de todos os demais ($p < 0,05$); os “intrassilábicos duplos” se diferenciaram dos “intersilábicos simples” ($p < 0,05$); e, ainda, os intersilábicos simples se diferenciaram dos intersilábicos duplos ($p < 0,05$). Esse resultado pode ser visualizado no Gráfico 5, a seguir:

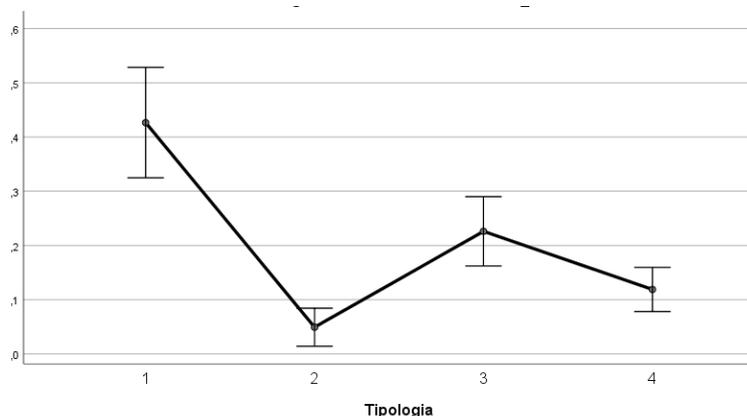


Gráfico 5 - Distribuição dos deslocamentos em função de sua tipologia.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: 1 = intersilábicos simples; 2 = intersilábicos duplos; 3 = intrassilábicos simples; 4 = intrassilábicos duplos

No que diz respeito às interações, o teste indicou efeito significativo para ‘tipologia/grupo’ ($F = 4,832$ e $p = ,003$), ‘tipologia e complexidade’ ($F = 24,715$ e $p = ,000$) e ‘tipologia, complexidade e grupo’ ($F = 2,173$ e $p = ,044$), conforme informações dispostas, respectivamente, nos Gráficos 6, 7 e 8:

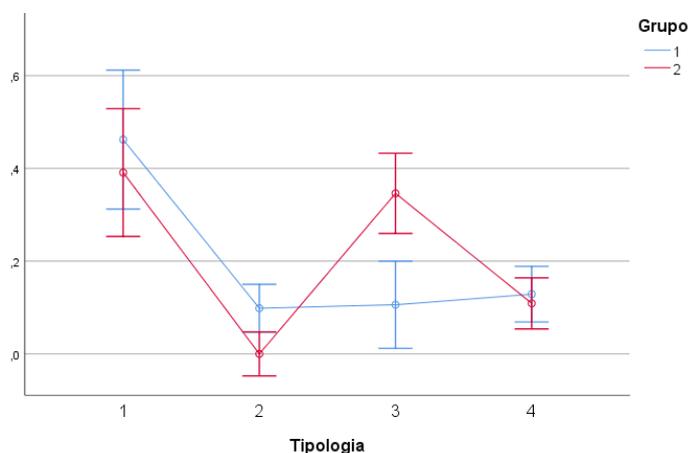


Gráfico 6 - Distribuição dos deslocamentos em função da tipologia entre os grupos.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: Grupo: 1 = ortografia; 2 = fala. Tipologia: 1 = intrassilábicos simples; 2 = intrassilábicos duplos; 3 = intersilábicos simples; 4 = intersilábicos duplos.

As informações exibidas no Gráfico 6 indicam que o tipo de deslocamento mais frequente é dependente do modo de enunciação da língua, uma vez que os deslocamentos intersilábicos simples se diferenciaram dos demais por serem estatisticamente mais frequentes nas metáteses do que nas transposições ortográficas, algo não observado nos deslocamentos intrassilábicos simples e intersilábicos

duplos (cujas frequências foram moderadamente maiores na ortografia) nem nos intersilábicos duplos (nos quais se observou frequência similar nos dados de fala e de ortografia).

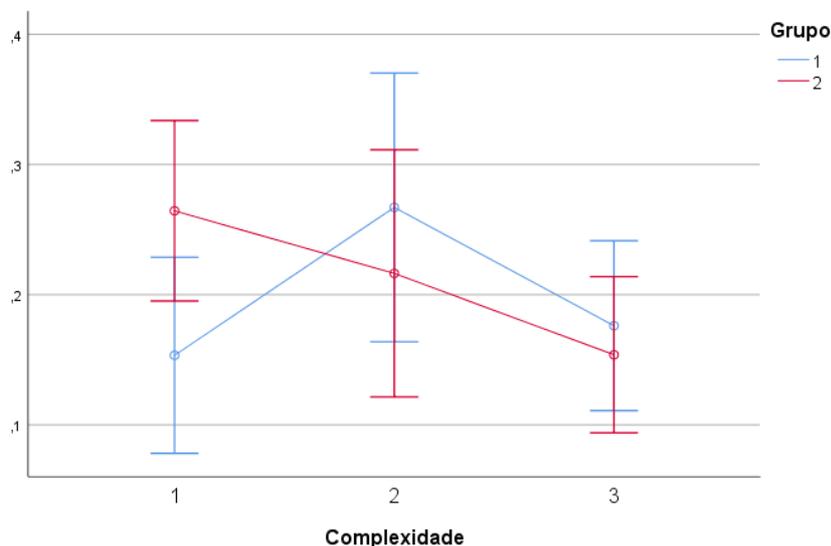


Gráfico 7 - distribuição dos deslocamentos em função das estruturas silábicas de chegada entre os grupos.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: Grupo: 1 = ortografia; 2 = fala. Complexidade: 1 = manutenção; 2 = aumento; 3 = redução.

Já as informações expressas no Gráfico 7 indicam que a complexidade silábica associada aos deslocamentos se comporta diferentemente a depender do modo de enunciação da língua. Com efeito, o aumento de complexidade foi maior nos dados de ortografia, enquanto a manutenção da complexidade foi maior nos dados de fala. Por sua vez, o funcionamento dos dois grupos de dados se mostrou, em termos estatísticos, como similar nos deslocamentos que envolveram redução da complexidade silábica.

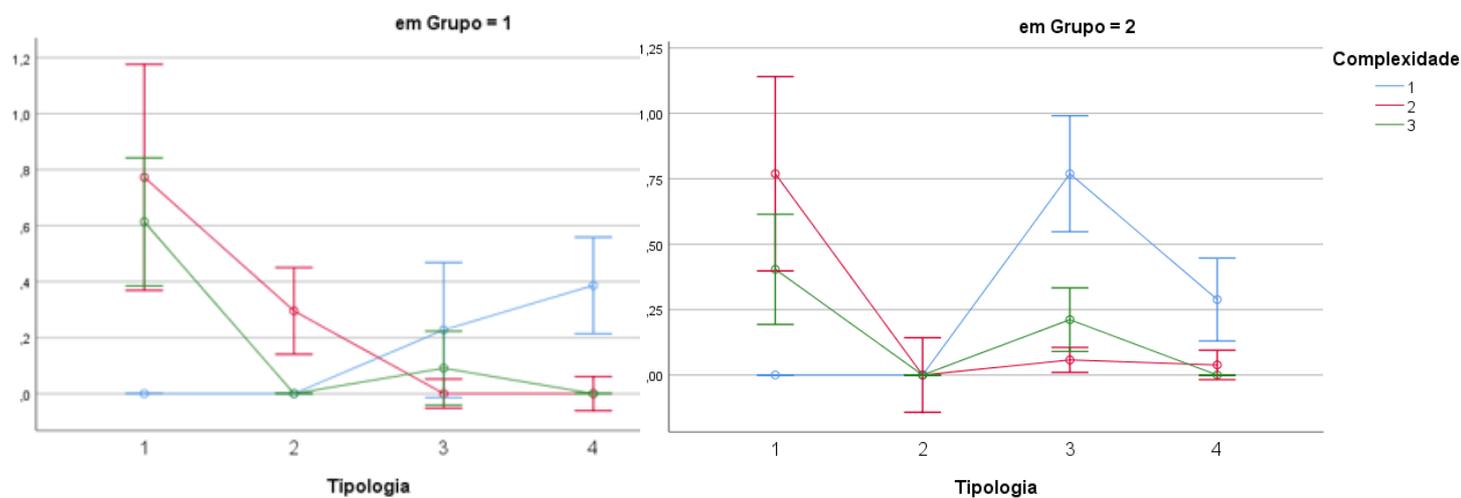


Gráfico 8 - interação entre as variáveis tipologia, complexidade e grupo.

Fonte: dados da pesquisa.

Legenda: Grupo: 1 = ortografia; 2 = fala. Complexidade: 1 = manutenção; 2 = aumento; 3 = redução. Tipologia: 1 = intrassilábica simples; 2 = intrassilábica dupla; 3 = intersilábica simples; 4 = intersilábica dupla.

Por fim, as informações mostradas pelo Gráfico 8 indicam que o aumento, a manutenção ou a redução da complexidade silábica é dependente da tipologia e, ainda, que a interação entre esses dois fatores é diferente em função do grupo de dados analisado, havendo, assim, uma interação entre os três fatores. Portanto, as posições silábicas se reorganizam diferentemente entre os grupos analisados, uma vez que: na ortografia, os deslocamentos aumentaram a complexidade quando intrassilábicos (simples ou duplos) e a mantiveram quando intersilábicos (simples ou duplos); na fala, os deslocamentos tenderam a aumentar a complexidade da estrutura original da sílaba na categoria intrassilábica simples e a mantê-la privilegiadamente na categoria intersilábica simples.

Finalizada a exposição dos resultados, passemos a discussão das tendências para as quais eles apontaram.

4. Discussão

Em relação ao primeiro objetivo, os resultados nos levaram a duas tendências: (1) tanto as transposições quanto as metáteses envolveram, majoritariamente, apenas um segmento; e (2) os deslocamentos ocorreram diferentemente entre os modos de enunciação da língua. Na ortografia, os deslocamentos apareceram, em maior quantidade, no interior da mesma sílaba. Já na fala, estes apareceram, majoritariamente, em sílabas diferentes.

Em relação à primeira tendência, o deslocamento de apenas um segmento mostra a ação das regras da língua tanto na fala quanto na escrita, “[...] como se a criança se tornasse cada vez mais precisa

na definição dos alvos da sua intervenção – já não a palavra [...] mas sim a própria sílaba.” (LIMA, 2013, p. 110). Dessa forma, o fenômeno envolver, tanto na fala quanto na escrita, apenas um segmento indica que o registro dos segmentos está mais próximo do convencional, justamente por envolver apenas um segmento da palavra.

Quanto à segunda tendência, no entanto, diferentemente do que acontece na fala, em que os deslocamentos ocorrem – com maior frequência – entre sílabas diferentes, na ortografia eles ocorrem numa mesma sílaba. Há, pois, uma diferença entre os resultados de fala e aqueles de ortografia em direção às regras de funcionamento do componente fonológico na fala e de sua relação com as convenções ortográficas. Na fala, os deslocamentos encontram-se mais distantes do funcionamento desse componente, uma vez que envolvem, preferencialmente, duas sílabas da palavra. Já na ortografia eles se encontram menos distantes de seu funcionamento convencional, uma vez que o predomínio das transposições envolve o deslocamento de um único grafema no interior da mesma sílaba.

Essa tendência pode ser explicada, primeiramente, pelo fato de os dados das metáteses na fala serem de crianças com faixa etária entre dois e sete anos, ou seja, de crianças que se encontram mais no início da aquisição fonológica. Já os dados de ortografia foram de crianças com idade mais avançada (de cinco a dez anos). Trata-se, portanto, de crianças que já tiveram maior contato com o funcionamento fonético/fonológico da língua na fala e que parecem, portanto, levar para sua escrita, como ponto de partida, os efeitos desse desenvolvimento menos inicial.

Observe-se, no entanto, que não apenas aspectos fonológicos da língua podem estar na base dessa diferença de tendências. Embora tenhamos detectado relações entre a aquisição fonológica e a aquisição ortográfica, essas relações não se mostraram como diretas. Dessa forma, a diferença observada nos dados de fala e de escrita também se explicaria pela ação das práticas de letramento, especialmente daquelas desenvolvidas em ambiente escolar. Nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, no que concerne à ortografia, o trabalho pedagógico se volta, fortemente, para o princípio alfabético e, logo a seguir, para as convenções que regulam esse princípio.

Já em relação ao segundo objetivo, é convergente que metáteses na fala e transposições na ortografia, se intersilábicas, tendem a manter a estrutura silábica original e, se intrassilábicas, tendem a aumentar o grau de complexidade da estrutura silábica.

Desse modo, o fato de, nos deslocamentos intersilábicos, a maioria das estruturas terem sido mantidas e, nos intrassilábicos, ter aumentado sua complexidade sugere que, tanto na fala quanto na ortografia, o nível representacional da palavra se mostra atingido nesses dois modos de enunciação da língua. Com efeito, neles, a presença de um fonema (na fala) e de um grafema (na ortografia) já se mostra resolvida. Resta a estabilização na organização silábica da palavra, que se mostra, ainda, oscilante.

Portanto, metáteses na fala são um “[...] processo motivado por estruturas silábicas complexas, de aquisição mais tardia [...]” (REDMER, 2007, p. 44). Trata-se de observação que acreditamos ser válida, também, para os dados de ortografia, sobretudo pelo fato de as práticas pedagógicas enfatizarem, como no caso dos dados analisados no presente estudo, mais tardiamente a ortografia de estruturas

silábicas complexas, centrando-se, inicialmente e mais rotineiramente, na ortografia de estruturas silábicas canônicas, do tipo CV e V.

Em síntese, metáteses na fala infantil e transposições ortográficas na escrita infantil apresentaram vários pontos de convergência em seus funcionamentos – o que reforça o fato de que a escrita inicial da criança se ancora, em grande medida, em características da fala. Mas elas apresentaram também alguma divergência – o que reforça que não só em características da fala se ancora a escrita inicial da criança, fato alertado também por Pachalski (2016), que chama a atenção para assimetrias na relação fala/ortografia. Em outras palavras, nossos resultados reforçam uma relação não direta entre fala e escrita, já que os diferentes tipos de transposições ortográficas apresentam, ao mesmo tempo, várias semelhanças, mas também diferenças em relação às metáteses na fala.

5. Conclusão

Os resultados a que chegamos permitiram observar que as transposições ortográficas, embora em grande medida acompanhem as metáteses na fala infantil, apresentam, também, funcionamentos divergentes. O ponto em comum a elas que acreditamos ser mais relevante destacar é o da complexidade silábica, uma vez que esse ponto sugere que a disposição dos fonemas na fala e dos grafemas na escrita não se dá de modo linear. Fazemos esse destaque especialmente pelo fato de, a nosso ver, as práticas pedagógicas não se voltarem, como desejado, para essa complexidade no ensino da ortografia, pela ênfase que dão à correspondência fonema/grafema. Com essa ênfase, e desprezando o papel da estrutura silábica na intermediação dessa correspondência, questões fonológicas possivelmente já resolvidas na fala das crianças voltam a se mostrar a elas quando ingressam no Ensino Fundamental.

Esperamos, com nossos resultados, contribuir para um melhor entendimento do papel das grafias não convencionais na escrita infantil, uma vez que, além de mostrar pontos de maior opacidade da língua e da ortografia, essas grafias permitem entender melhor possíveis relações entre fala e escrita por parte de professores e de demais profissionais que trabalhem com escrita infantil.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2218.R>

Editora

Marianne C. B. Cavalcante

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Instituição: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Instituição: Université Sorbonne Nouvelle

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliadora 1: Marian Oliveira

Afiliação: Universidade Estadual de Campinas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-152X>

Avaliador 2: Giovane Fernandes Oliveira

Afiliação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>

Avaliadora 3: Laís Cavalcanti Almeida

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0468-0755>

AVALIADORA 1

TÍTULO

Considerando os objetivos e discussão feita ao longo do texto, o título, COMPARAÇÃO ENTRE CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DA SÍLABA EM TRANSPOSIÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA INFANTIL E EM, tem relação direta e reflete a proposta do estudo.

RESUMO

O resumo apresentado pelos autores, de maneira objetiva e clara, traduz os objetivos, metodologia e resultados da pesquisa desenvolvida. Além disso, o conteúdo do resumo está articulado com o texto da introdução.

INTRODUÇÃO

Na introdução, os autores expandem a problemática que justifica a pertinência dos objetivos e finalidade do trabalho.

MÉTODOS

A metodologia utilizada pelos pesquisadores contempla aos objetivos do trabalho: no que se refere à amostra, há dados de escrita e de fala; os corpora são categorizados de maneira a contemplar características fonológicas do fenômeno estudado. Os modelos estatísticos descritivo e inferencial adotados contemplam a o desenho experimental adotado. Há cuidado ainda no que diz respeito a questões éticas voltadas a pesquisas que envolvem seres humanos. O texto é claro, embora precise de alguma revisão linguística.

RESULTADO

Os resultados apresentados sustentam a hipótese dos autores e estão apresentados de forma clara, por meio de gráficos que facilitam a interpretação. A estatística descritiva é reforçada com a estatística inferencial que consegue demonstrar a linha argumentativa dos autores. A discussão dos dados complementa a análise dos dados, os quais contemplam o objetivo do trabalho e plano dos pesquisadores.

Vale ressaltar a relevância dos achados considerando-se o escopo da revista para qual o artigo se destina, a literatura sobre questões relacionadas ao universo educacional, especificamente. No que se refere ao desenvolvimento da escrita e ao entrecruzamento escrita-fala.

GENERALIDADES

Vale ressaltar a relevância dos achados considerando-se o escopo da revista para qual o artigo se destina, a literatura sobre questões relacionadas ao universo educacional, especificamente. No que se refere ao desenvolvimento da escrita e ao entrecruzamento escrita-fala.

AVALIADOR 2

O artigo “Comparação entre características fonológicas da sílaba em transposições ortográficas na escrita infantil e em metáteses na fala infantil” é, de um modo geral, bem escrito do ponto de vista redacional e bem fundamentado do ponto de vista teórico-metodológico-analítico.

Além dos comentários pontuais inseridos no arquivo em anexo, apresento, a seguir, alguns comentários mais globais, ligados tanto aos critérios de avaliação da Revista da Abralín quanto à argumentação macro do artigo.

(1) O título se relaciona precisamente com o assunto do trabalho, refletindo adequadamente a proposta, o encaminhamento das análises, os resultados e a conclusão do estudo.

(2) Quanto ao resumo, este é sucinto, claro e compreensível, contendo objetivo, metodologia e resultados finais. Apenas um fator solicitado pela revista pode ser mais esclarecido no resumo: trata-se da

relevância do tema. No período inicial do resumo, as autoras e o autor mencionam o crescente interesse dos estudiosos da escrita infantil por relações entre características fonológicas da fala e características ortográficas da escrita, especialmente pelos chamados erros ortográficos. Embora se possa entrever, aí, a relevância da temática mais geral, o tema específico recortado no texto em tela e assinalado no título deste pode ter a sua relevância mais bem demarcada no resumo. A julgar pela leitura global do estudo, tal demarcação deve envolver contribuições científicas (aos estudos em escrita infantil) e contribuições sociais (ao fazer de profissionais que trabalham com a escrita infantil).

(3) Ainda sobre o resumo, vale observar que o objetivo formulado nele e na introdução difere, em termos textuais, dos dois objetivos formulados na seção 1. No resumo e na introdução, lê-se: “[...] o presente estudo teve como objetivo observar em que medida transposições ortográficas acompanhariam – ou não – metáteses na fala infantil”. Já na seção 1, lê-se: “A presente pesquisa foi norteada pelos seguintes objetivos: (1) comparar a distribuição das transposições ortográficas na escrita e das metáteses na fala; (2) comparar características estruturais da sílaba envolvidas no ponto de saída e no ponto de chegada dos deslocamentos nesses dois modos de enunciação”. Sugiro às autoras e ao autor padronizarem as formulações do(s) objetivo(s) no resumo, na introdução, na seção 1 e nas demais ocorrências ao longo do texto.

(4) A metodologia apresentada é coerente com o encaminhamento das análises, cujos resultados conduzem a uma discussão que retoma os objetivos (1) e (2) e assume um viés explicativo, pautado pela caracterização de tendências apontadas pelos resultados.

(5) Cabe pontuar uma importante questão terminológica. Há, ao longo de todo o texto, alternâncias (todas sinalizadas no arquivo em anexo) entre os termos “escrita” e “ortografia”, como se sinônimos fossem. A título de ilustração, vejamos dois exemplos retirados da seção 4, de discussão dos resultados (os grifos em caixa alta são meus):

“Em relação ao primeiro objetivo, os resultados nos levaram a duas tendências: (1) tanto as transposições quanto as metáteses envolveram, majoritariamente, apenas um segmento; e (2) os deslocamentos ocorreram diferentemente entre os MODOS DE ENUNCIÇÃO DA LÍNGUA. Na ORTOGRAFIA, os deslocamentos apareceram, em maior quantidade, no interior da mesma sílaba. Já na FALA, estes apareceram, majoritariamente, em sílabas diferentes”.

“Em síntese, metáteses na fala infantil e transposições ortográficas na escrita infantil apresentaram vários pontos de convergência em seus funcionamentos – o que reforça o fato de que a escrita inicial da criança se ancora, em grande medida, em características da fala. Mas elas apresentaram também alguma divergência – o que reforça que não só em características da fala se ancora a escrita inicial da criança, fato alertado também por Pachalski (2016), que chama a atenção para assimetrias na RELAÇÃO FALA/ORTOGRAFIA. Em outras palavras, nossos resultados reforçam uma RELAÇÃO NÃO DIRETA ENTRE FALA E ESCRITA, já que os diferentes tipos de transposições ortográficas apresentam, ao mesmo tempo, várias semelhanças, mas também diferenças em relação às metáteses na fala”.

Leitor que sou dos estudos das autoras e do autor do texto em tela, estou ciente de que não entendem a escrita e a ortografia como equivalentes, defendendo a ortografia como um aspecto da escrita, dentre outros. Os textos teóricos que, nos últimos anos, o autor tem publicado explicitam

esse entendimento. A julgar por tais textos e, também, por outros textos descritivos do grupo, creio que não é a ortografia que, junto da fala, é um modo de enunciação da língua, mas sim a escrita; de igual maneira, não há uma relação entre fala e ortografia, mas sim entre fonologia e ortografia ou – para usarmos termos presentes no próprio artigo sob avaliação – entre “características fonológicas” e “características ortográficas”.

Em suma, sugiro às autoras e ao autor reverem as flutuações terminológicas sinalizadas em comentários ao longo do texto.

(6) Por fim, considerando o dossiê temático da Revista da Abralín (“A pesquisa em Aquisição da Linguagem no Sul Global”), sugiro às autoras e ao autor contextualizarem brevemente, na introdução, o Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a linguagem”, do qual participam, e os temas investigados no âmbito desse grupo, a fim de situá-lo no conjunto dos estudos brasileiros em aquisição da linguagem. Tal grupo tem fornecido muitas contribuições ao campo aquisicional – contribuições sobretudo descritivas, mas, recentemente, também teóricas.

AVALIADOR 3

O título traz uma amplitude que abarca toda a proposta do trabalho. O resumo é sucinto, claro e compreensível, inclusive, o resumo para não especialista está excelente no quesito democrático e de fácil compreensão. Os objetivos iniciais foram alcançados e debatidos. Os autores discutem a relevância dos resultados na área acadêmica e trazem reflexões para o ensino infantil fonológico/ortográfico.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Confirmamos que a presente pesquisa não foi conduzida ou pré-registrada em nenhum repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Dados disponíveis pelos e-mails: mirian.amarante@unesp.br e lourencochacon@unesp.br.

Fontes de financiamento (se aplicável)

FAPESP processo 2021/08143-1.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, M. V. et al. Ortografia dos fonemas /l/e/ɾ/ em posições complexas na escrita infantil: uma análise comparativa. In: CoDAS. 2020. p. e20190245-e20190245.
- AMARANTE, M. V.; CHACON, L.; SONCIN, G. Distribuição das transposições ortográficas na escrita de crianças brasileiras. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 9, p. 1-12, 2022. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022a1>
- ARAÚJO, M. J. (2017). Visão sobre a metátese: da aquisição à linguagem adulta. *ElingUP: Revista eletrônica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto*, 3.
- AMARIZ, C. D. M. (2014). O processo de metátese na diacronia e na aquisição do português (Master's thesis, Universidade Federal de Pelotas).
- BATISTA, A. O.; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino privado do município de Londrina. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 67, 2017. <https://doi.org/10.1590/S2179-64912011000300008>
- BLEVINS, J.; GARRETT, A. The evolution of metathesis. **Phonetically based phonology**, p. 117-156, 2004.
- CHACON, L.; PEZARINI, I. O. Gradiência na correspondência fonema/grafema: uma proposta de caracterização do desempenho ortográfico infantil. In: CÉSAR, A. B. P. C.
- CHACON, L.; DA SILVA, M. A. A. Omissões ortográficas na escrita infantil: relação entre posição silábica e escolaridade (Orthographic omissions in children's writing: relationship between syllabic position and schooling). **Estudos da Língua (gem)**, v. 20, n. 1, p. 29-54, 2022. <https://doi.org/10.22481/el.v20i1.12064>
- DE MAGALHÃES, J. S. A metátese da líquida não-lateral na aquisição: evidência para o pé troqueu. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 2, 2003.
- DIAS, J. A.; DO CARMO, M. C. a metátese na variedade do interior paulista. *Muitas Vozes*, v. 10, p. 1-23, 2021.
- DE FREITAS, M. M. Metátese o hipétese em manuscritos do século XVIII. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 7, p. 119-128, 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i7p119-128>
- GONÇALVES-GUEDIM, T. F. et al. Desempenho do processamento fonológico, leitura e escrita em escolares com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Revista CEFAC*, v. 19, n. 2, p. 242-252, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-0216201719220815>
- LIMA, R. M. Metátese na linguagem infantil: "porfessora" é bom, "professora" é melhor. *Saber & Educar*, (18), 106-115, 2013.
- PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. A metátese na aquisição da escrita: regularidades e possíveis motivações. In: XXV Congresso de Iniciação Científica da UFPel. 2016.

PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. A metátese na aquisição da escrita: simetrias e assimetrias entre fonologia e ortografia. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 20, n. 2, p. 233-256, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20i2p233-256>

MIRANDA, A. R. M. Artigo- Um estudo sobre a natureza dos erros (orto) gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em revista**, v. 36, p. e221615, 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-4698221615>

PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. Conhecimento fonológico na aquisição da escrita: um estudo sobre os erros (orto) gráficos em textos de crianças do ciclo de alfabetização. 2019.

PASCHOAL, L.; CHACON, L. Influência da transparência e da opacidade na ortografia de fonemas fricativos. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2023. p. e20210212. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20232021212pt>

REDMER, C. D. S. Metátese e epêntese na aquisição da fonologia do PB: uma análise com base na teoria da otimidade, 2007 (mestrado em linguística) – Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

SCHAFER, C. M.; QUITAISKI, L. F.; GIACCHINI, V. Desempenho em consciência fonológica e erros de escrita de crianças submetidas a diferentes métodos de alfabetização. *Distúrbios da Comunicação*, v. 29, n. 2, p. 318-329, 2017. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i2p318-329>

TREIMAN, R. Teaching and learning spelling. *Child Development Perspectives*, v. 12, n. 4, p. 235-239, 2018. <https://doi.org/10.1111/cdep.12292>

VAZ, S.; CHACON, L. Relações entre aspectos fonéticos-fonológicos e escolaridade na acurácia ortográfica de consoantes nasais no Ciclo de Alfabetização. **Scripta**, v. 27, n. 59, p. 181-208, 2023.

VAZ, S.; CHACON, L. Coocorrência de traços fonológicos em substituições ortográficas de fonemas soantes. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2020. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192018205>

WILSENACH, C. Phonological awareness and reading in Northern Sotho Understanding the contribution of phonemes and syllables in Grade 3 reading attainment. *South African Journal of Childhood Education*, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2019.

ZITZKE, B. C. Um levantamento de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição da linguagem. **Letras de Hoje**, v. 36, n. 3, 2001.